



EDITORIAL

No tocante a questão agrária brasileira, temos como referências do último quartel do século XX e primeiras décadas do século XXI dois grandes movimentos. Um movimento em certa medida com caráter irreversível e que tem impacto profundo e direto de atuação destrutiva na natureza. Parafraseando o artista Chico Cesar temos de um lado os reis do agronegócio demonstrando a hegemonia da lógica perversa do sistema do capital comandando tecnicamente o produtivismo econômico e ditando as leis a partir da captura política dos blocos de poder e bancadas de aluguel. De outro lado temos o segundo movimento caracterizado pelos campesinatos e os povos indígenas que seguem r-existindo em luta pela defesa dos espaços de vida. Exatamente nestes espaços são produzidos os alimentos saborosos livres de agrotóxicos transgenia e que proporcionam a saúde territorial.

Neste terceiro número da revista temos um conjunto de quinze trabalhos que abordam bem as contradições das diversas faces da questão agrária. Segue no lastro dos movimentos do agronegócio monocultural e latifundista e dos campesinatos e povos indígenas reprodutores dos territórios de vida.

A Paixão do Método de Eguimar Felício Chaveiro abre esta edição evidenciando a necessidade de retomada do exercício da reflexão apegado ao modo do fazer e conceber filosoficamente o espaço das ciências. Em especial chama atenção para os modos de produção do método que também são os modos de produção do espaço geográfico. Sandoval Amparo

trabalha a partir da visão de Florestan Fernandes, Ruy Moreira e Rogério Haesbaert as reações ameríndias à chamada conquista colonial. Discute assim, a disponibilização territorial, para em seguida, apresentar os processos de preservação da autonomia, submissão e reterritorialização. No artigo: Camponesas rebeldes: lutas, reprodução social e resistências das quebradeiras de coco babaçu no Oeste do Maranhão, os autores discorrem sobre a reprodução social dos modos de vida camponês compreendendo estes como uma ordem moral e verificando os aspectos sócio-territoriais e como a rebeldia de permanecer na terra está sendo confrontada com a chegada e expansão do setor celulístico-papeleiro.

Na sequência, apresenta-se o estudo sobre o espaço agrário de Brejo da Madre de Deus de Izabela da Silva. O mesmo trata do impulsionamento ocorrido no final da década de 1990 para a disseminação da Agroecologia em Pernambuco em resposta ao Estado desenvolvimentista. Adeliane Oliveira e Roberta Piancó trazem ao primeiro plano do debate: contribuições ao estudo da questão agrária: os casos da fazenda Japuara em Canindé e Monte Castelo em Quixadá. Neste trabalho as autoras consideram que os conflitos no interior dessas fazendas assim como o êxito dos camponeses, concretizaram a construção de lutas de referência no Estado do Ceará e que fortalecem os camponeses que se encontram na luta pelo acesso à terra de trabalho. A Reprodução Camponesa como Elemento da Questão Agrária em Alagoas: um estudo de caso no trecho da BR – 104 entre União dos Palmares e Murici/AL de autoria de Reinaldo Sousa analisa a reprodução camponesa de beira de estrada afim de, tratar a Questão Agrária nos dias atuais considerando a dialética da relação capital-trabalho.

Já o trabalho de Joalysson Batista é fruto de pesquisa de mestrado e analisa os conflitos sociais e formas de resistência cotidiana vivenciados durante a construção do açude Cachoeira no município de Aurora, no Cariri cearense. O artigo intitulado lutas e resistências no uso do território pela agricultura familiar em Apodi/RN de Katson Fernandes traz duas dimensões da mesma questão. Tendo a região do Apodi como cenário apresenta o vertiginoso crescimento de empresas agrícolas que fazem o uso da terra para a extração do lucro. E também destaca as populações que vêm e fazem uso da terra, como um espaço de produção da vida. Duas dimensões que se realizam a partir de intensos conflitos territoriais na região em apreço.

No artigo, Novos rótulos, velhas formas: estudo das tipologias do trabalho escravo no Maranhão, os autores traçam tipologias do trabalho escravo e de como esta categoria vem sendo tratada nos textos da legislação brasileira e na própria geografia. No artigo posterior, Marcelo

Terence discute a formação da propriedade capitalista da terra no Brasil a partir da apropriação privada de terras públicas federais. Cicero de Castro contribui com o trabalho: Agronegócio, trabalho e políticas de reestruturação no sul do estado do Ceará, promove no estudo o diálogo no processo de reprodução do espaço geográfico, tendo como base as dinâmicas territoriais envoltas no desenvolvimento da produção de bananas no Polo de Agricultura Irrigada. Discute como o mesmo vem gerenciando os interesses das grandes corporações ocasionando o desmonte nas cadeias produtivas locais.

O estudo: Da economia agrário-exportadora à economia urbano-industrial: cinco séculos de luta pela democratização à terra no Brasil, de autoria de Neolam Moraes, parte da análise do período agrário-exportador para identificar como a plantagem criou as condições para surgimento da classe camponesa a partir da exploração da força de trabalho dos indígenas, africanos escravizados e imigrantes. Em seguida trata a aliança entre a velha elite agrário-exportadora e a nova classe econômica urbano-industrial que persistem em atuar contra os avanços na política de reforma agrária e na concretização da modernização conservadora. O artigo de Marcio D'Arrochella e Igor Silva busca a partir do mapeamento de fragmentos de Floresta Amazônica refletir sobre os possíveis efeitos nocivos da fragmentação sobre partes da Reserva Indígena Kaiapó no estado do Pará.

E por fim as duas últimas seções constam de um relato de campo e uma resenha de livro. O relato de campo de Ingrid Trajano realizado no recôncavo baiano, municípios de Salinas das Margarida e Maragogipe, Bahia, apreende a produção do espaço agrário das comunidades quilombolas e sua maneira de viver e reproduzir o território. A resenha de Dérick Gomes ilustra a obra literária de Ricardo Smith que detém grande potencial para a compreensão da formação socioespacial da Amazônia brasileira, e, sobretudo dos eventos históricos ocorridos a partir da segunda metade do século XX.

Portanto o leitor tem em tela uma belíssima e provocativa coletânea de trabalhos rigorosamente examinados e que revelam a dinâmica e desigual estrutura que atravessa a questão agrária nesta banda continental da América Latina.

Os Editores